2

Contenção Física dos Animais Domésticos

FRANCISCO LEYDSON F. FEITOSA

"**DIFICULDADES** SÃO COMO MONTANHAS.
SÓ SE APLAINAM QUANDO AVANÇAMOS SOBRK ELAS."
(Émi/e Zola)

A contenção mecânica tem como finalidade principal restringir, tanto quanto possível, a atividade física do animal, na tentativa de se realizar a avaliação do paciente e/ou a execução de outros procedimentos (curativos, administração de medicamentos). Para alguns proprietários, principalmente de pequenos animais e também para o examinador, é sempre um momento delicado dentro do contexto de inter-relacionamento "proprietário-veterinário", já que há uma certa relutância, por parte dos donos, no momento da imobilização desses animais para exame. No entanto, por mais dócil, meigo e inofensivo que *seja* ou *pareça* ser o seu paciente, a simples palpação, por exemplo, de uma determinada estrutura que possua um aumento de sensibilidade fará com que ele se defenda à manipulação não habitual, com mordeduras, coices, chifradas e/ou unhadas. Por isso, não se deve manipular um animal, mesmo que para a execução de procedimentos simples, sem que ele esteja adequadamente contido, o que resultará em maior segurança para o examinador, para o auxiliar e para o próprio animal, além de propiciar um exame satisfatório e tranqiiílo.

Os principais objetiv os da contenção de animais domésticos são:

- Proteger o examinador, o auxiliar e o animal.
- Facilitar o exame físico.
- Evitar fugas e acidentes como fraturas.
- Permitir procedimentos diversos (medicação injetável, curativos, cateterização, exames radiográficos, colheita de sangue, etc.).

É importante proceder às manipulações físicas com calma, evitando-se movimentos bruscos c/ou violentos, os quais possam vir a alterar de maneira significativa os parâmetros vitais em virtude do estresse promovido, principalmente em animais mais arredios. A socialização com o paciente é um passo importante no momento da aproximação do mesmo, já que uma abordagem inadequada pode, muitas vezes, ser fatal (tétano, dispneia acentuada por estenose de vias aéreas, insuficiência cardíaca grave, etc.) ou desencadear um comportamento não cooperativo por parte do animal, prejudicando, dessa forma, o estabelecimento do diagnóstico.

Algumas tentativas de minorar os efeitos causados pelo examinador e pelo ambiente estranho ao animal devem ser realizadas antes da fase de contenção. A aproximação do mesmo pronunciando o seu nome ou dizendo um "oi" ou "alo", estalando os dedos, assobiando e fazendo carinhos e agrados (se o animal permitir), é interessante c deve ser tentada, deixando o animal mais relaxado e menos desconfiado com relação aos futuros procedimentos. Dê oportunidade ao paciente para conhecê-lo, também. Frequentemente, isso é possível durante a realização da anamnese quando se tem contato visual. Boas condições ambientais de exame (ambiente calmo, bem iluminado, sem muita interrupção por pessoas ou chamadas telefónicas) melhoram consideravelmente os dados obtidos pelo exame físico. A observação a essas regras facilitará a manipulação e propiciará um melhor relacionamento com o paciente.

É conveniente estabelecer a natureza do local escolhido para a contenção, se será no chão ou na mesa, se será com aparelhos especiais (fixos ou móveis), lembrando que os pavimentos duros e escorregadios sujeitam os animais que caem a acidentes mais sérios e, por vezes, irreparáveis (fraturas de membros, coluna vertebral, trauma crânio-encefálico, etc.).

São recomendações gerais para a contenção física:

- Evitar movimentos bruscos e precipitados. Seja tranquilo, firme e confiante!
- Tentar ganhar a confiança do paciente: con verse, chame o animal pelo nome, acaricie-o, brinque, ofereça guloseimas e/ou alimentos apetitosos, caso os tenha.
- Iniciar com a contenção padrão mais simples para a espécie (em cães, por exemplo, usar mordaça; em equinos, cabresto) e, quando ne cessário, evoluir para métodos mais enérgi cos e radicais (focinheiras, cachimbos, formi gas, troncos de contenção).

CÃES

Antes de efetuar qualquer exame, o veterinário deve se informar com o proprietário ou com a pessoa encarregada sobre o temperamento do animal, se o mesmo é dócil e/ou falso, principalmente se o cão for de guarda ou de raças reconhecidamente agressivas, para que se possa escolher o melhor método de contenção a ser empregado para cada caso em questão. Na maioria das vezes, a contenção mecânica" pode e deve ser auxiliada pelo proprietário, cabendo ao examinador a orientação correta de sua realização. Não é incomum a chegada de pacientes à clínica que, de tão agressivos, os próprios proprietários temem se aproximar, dificultando a realização de um exame físico adequado. Em tais situações, a utilização de focinheira, do cambão e/ou de contenção química é imprescindível.

Felizmente, a contenção é bem aceita na grande maioria dos cães, em virtude da boa sujeição desses animais ao ser humano. Relembrando, deve-se, como abordagem inicial: falar em tom amistoso com o cão; passar a mão sobre o seu dorso, dando-lhe, posteriormente, as costas da mão para cheirar, o que ajudará a captar a sua confiança. Os animais de pequeno e médio portes são mais facilmente contidos, mantendo-os sobre uma mesa de superfície não escorregadia, após a colocação da mordaça ou de uma focinheira, o que inibe o animal de querer fugir. Já, cães de raças grandes e/ou gigantes são mais bem imobilizados no chão.

A imobilização manual do animal em posição quadrupedal c o seu decúbito lateral facilitam a sequência do exame físico e a realização de vários outros procedimentos (colheita de sangue, raspado de pele, ccnteses exploratórias) (Fig. 2.1).

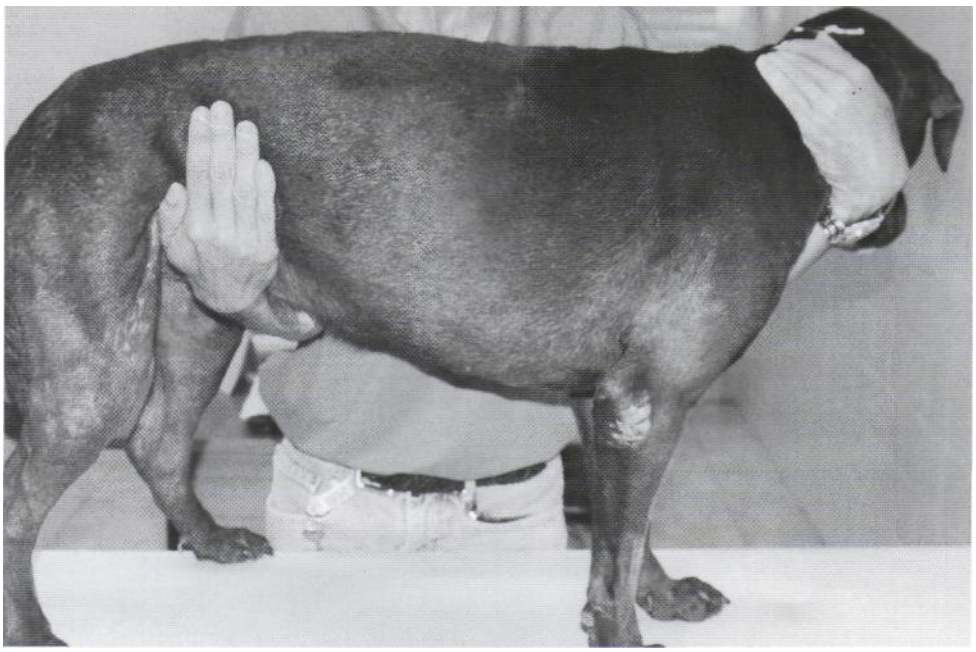


Figura 2.1 - Contenção manual. Coloque um braço sob o pescoço e passe o outro braço sob o abdome do animal.

Para colocar a mordaça (Fig. 2.2):

- Utilize um cordão de algodão ou tira de gaze resistente com aproximadamente 125cm de comprimento.
- Promova uma laçada de duplo nó com o do bro do diâmetro do focinho do animal antes de sua aproximação.
- Coloque a laçada ao redor do focinho, posi cionando o nó duplo acima deste. Aperte o nó e cruze as extremidades sob o queixo do cão.
- Desloque as pontas da mordaça para que elas permaneçam atrás das orelhas e amarre-as com firmeza; caso contrário, o animal conseguirá tirá-la com as patas dos membros anteriores.

Cuidado: Verificar se há dificuldade respiratória após a colocação da mordaça. Em caso afirmativo, ela deve ser prontamente retirada.

Para realizar a contenção:

- Coloque o braço sob o pescoço, prencrendo-o moderadamente com o antebraço.
- Passe o outro braço sob o abdome do ani mal, segurando o membro anterior que se encontra do mesmo lado de quem executa a contenção.

Para realizar o derrubamento (animais de pequeno e médio portes):

- Posicione os dois braços sobre o dorso do animal.
- Leve-os em direção às regiões ventrais dos membros anterior e posterior (tarso e carpo), localizados próximos ao corpo de quem exe cuta o derrubamento.
- Puxe o animal de encontro ao corpo do exe cutor e retire, ao mesmo tempo, o apoio dos membros que estavam presos com as duas mãos. Durante a queda, o animal deve ser amparado pelo corpo da pessoa executora, sob o risco de acidentes indesejáveis (fratura de costelas, queda da mesa de exame, etc.).
- Com o animal posicionado em decúbito lateral, prenda os membros anteriores e posteriores com as mãos, colocando os dedos indicado res entre os respectivos membros.
- Prenda a cabeça do animal com o antebraço mais próximo a ela, mantendo os membros posteriores estendidos.

GATOS

A contenção de gatos é uma das tarefas mais difíceis c requer muito cuidado c habilidade motora por parte do examinador ou do auxiliar. A contenção de gatos é bem mais complicada que a de cães por:

a) Serem mais *ágeis* e se desvencilharem muito facilmente, principalmente quando a contenção for realizada por pessoa inabilitada;

É

Figura 2.2 - Como colocar a mordaça. (A), promova uma laçada de duplo nó com o dobro do diâmetro do focinho do animal. (B), desloque as pontas da mordaça para que elas permaneçam atrás das orelhas.

b) Serem animais relativamente pequenos, tor nando a sua *imobilização* mais trabalhosa, o que pode ocasionar acidentes quando se uti liza força excessiva;
c) Se *defenderem* com as unhas e os dentes;
d) Por possuírem características territoriais, são mais sujeitos ao *estresse* causado pela mudan ça de ambiente.

Os gatos devem ser mantidos com os seus proprietários (dentro de caixas de contenção ou de transporte) e retirados somente no momento da sua avaliação, já que um conhecimento prévio e demorado do local do exame pode deixá-los irritados ou mesmo agressivos, em virtude dos odores deixados no ambiente por outros animais, principalmente por cães (Fíg. 2.5). A interação veterinário-paciente não é tão fácil como a observada na grande maioria dos cães, mas pode-se tentar uma aproximação do animal, como, por exemplo, coçando a sua cabeça, antes mesmo de realizar a contenção. O primeiro passo na contenção dos gatos é lembrar-se de fechar as janelas e portas do local de exame para se evitar evasão ou acidentes. O exame deve ser inicialmente tentado com o mínimo de imobilização, bastando, para tanto, a colocação de botinhas de esparadrapo após a colocação do animal na mesa. As unhas devem ser aparadas caso haja necessidade de um procedimento de maior duração. Se o animal estiver mantido dentro de caixas de papelão, madeira ou mesmo sacolas de pano, a retirada do animal deve ser feita por seu proprietário. Os gatos devem ser examinados, de preferência, sobre uma mesa.

Os gatos mudam rapidamente de comportamento e, muitas vezes, a cooperação inicial é substituída por inquietação ou hostilidade. Nesses casos, a contenção manual do gato c recomendada, mantendo-se presa a cabeça do animal dentro da palma da mão do ajudante, os membros pôs-

Figura 2.3 - (A), colocação de focinheira em cães; (B), imobilização de cães após decúbito.

teriores contidos e esticados. Após a colocação do animal em decúbito lateral, pode-se passar uma toalha de mão dobrada em volta do pescoço do gato, mantendo dois dedos entre a toalha e a pele do animal para se adequar a pressão exercida e evitar asfixia. Gatos muito agressivos ou assustados podem ser segurados pela pele que reveste a porção superior da região cervical, logo atrás das orelhas, o que o impedirá de virar a cabeça e morder j pessoa que realiza a contenção (Fig. 2.7). Uma outra opção seria a junção de ambos os pavilhões auriculares, com os dedos polegar e indicador de uma das mãos. Essa manobra deixa-os imóveis, em virtude da grande sensibilidade que essas estruturas apresentam quando são fortemente comprimidas.

Figura 2.4 - Cambão, espécie de bastão de madeira no qual se prende uma longa tira de couro ou uma corda, que deslizará por um anel, alargando-se ou estreitando-se em torno do pescoço do animal, à vontade do operador.

EQUÍDEOS

Antes de abordar os equídeos, deve-se observar o comportamento do animal na tentativa de se ter uma ideia sobre a sua possível reação a um provável manuseio (coices, mordidas), atentan-

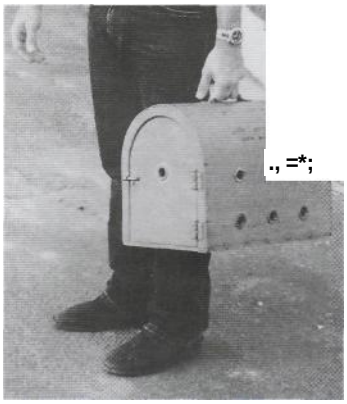


Figura 2.5 - Caixa de transporte de felinos.

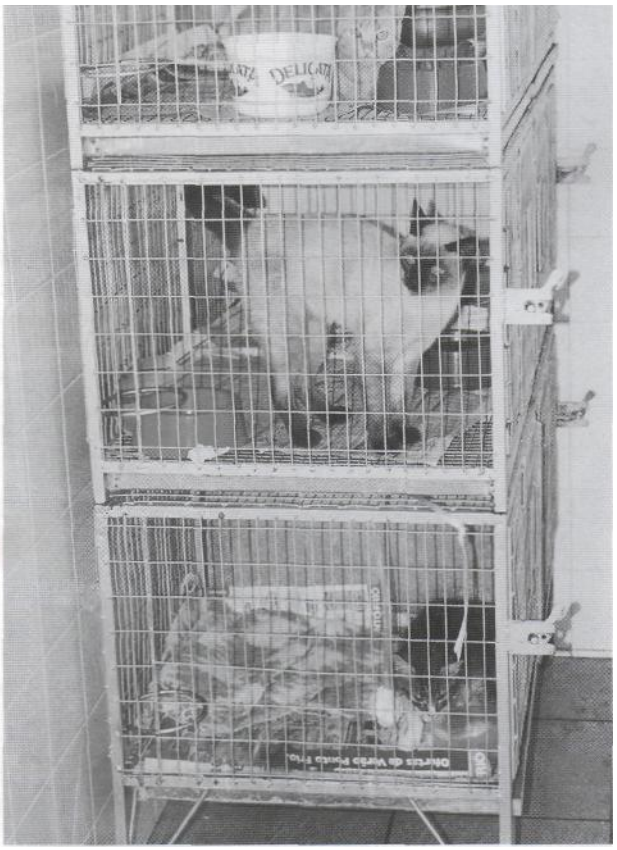


Figura 2.6 - Gaiolas de alojamento para felinos.

do-se, por exemplo, para o posicionamento das orelhas, já que os animais traiçoeiros geralmente demonstram a intenção de "resistir ao aprisionamento abaixando-as. O veterinário ou o ajudante deve se aproximar posicionando-se à esquerda desses animais, em virtude de a colocação de equipamentos como arreios e sela ser realizada pelo lado mencionado. Antes que um cavalo seja contido e examinado deve-se, inicialmente, pegá-lo. Quando o cavalo é cooperativo, essa etapa é muito fácil de ser vencida, bastando, para isso, manter o *cabresto* e/ou a corda escondidos, realizando-sc uma aproximação lenta, vagarosa. Uma vez permitida a aproximação, deve-se fazer a abordagem manual, acariciando o dorso do animal, em seguida, apreendendo-o pela paleta esquerda, passando o braço ao redor do seu pescoço. Posteriormente, aplica-se uma corda ou cabresto (Fig. 2.9).

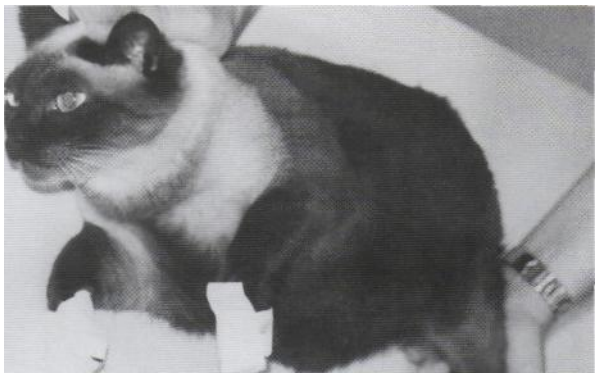


Figura 2.7 - Contenção manual com colocação de bolinhas de esparadrapo.

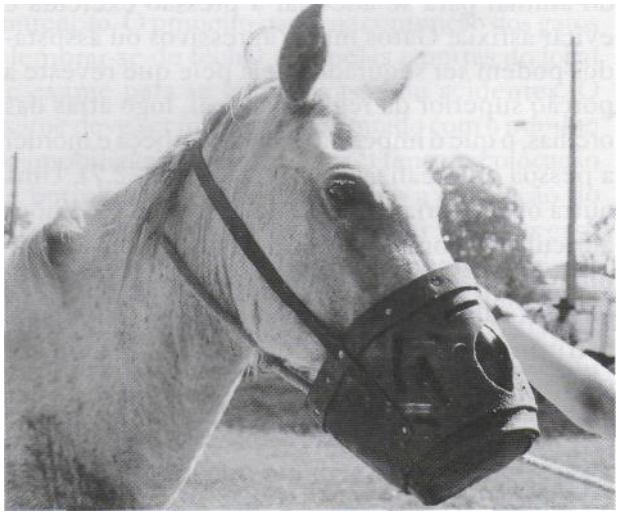


Figura 2.8 - Colocação de bucal em equinos agressivos e mordedores. É utilizado também para o pós-cirúrgico, na tentativa de evitar lambeduras de soluções de continuidade ou retirada de suturas.

A maioria dos animais permitirá uma abordagem realizada da forma descrita, mas se o animal estranha esse procedimento, afastando bruscamente a cabeça ou saltando, perde-se a oportunidade de pegá-lo. Sc necessário, o cavalo pode ser tocado para um canto de cerca, o que facilitará a captura. Se vários animais estão juntos, é melhor conduzir todos para um brete ou piquete e depois isolar o animal que se deseja conter.

Muitas vezes, o animal não permite a aproximação, pois se encontra em um piquete grande, o que possibilita a sua fuga. Quando acuado, fica dando voltas, mirando e acompanhando o examinador com um discreto desvio de cabeça e com a sua traseira, ameaçando desferir golpes com os seus membros posteriores. Se o animal estiver em piquete, o lançamento de uma corda comprida deixará, na maioria das vezes, o animal relativamente imóvel, dando a impressão de que ele tem a sensação de que já foi capturado. Comportamento semelhante pode ocorrer quando os animais estão em locais fechados e pequenos. Apesar da captura ser teoricamente mais fácil, torna-se, por outro lado, mais perigosa para o examinador ou auxiliar, pela maior dificuldade de escapar de possíveis coices ou manotadas. É importante, nessas situações, que a porta não esteja completamente fechada, de modo que permita a saída do veterinário, mas não do animal. Deve-se, inicialmente, colocar uma mão em um dos lados da garupa do cavalo a fim de impedir que ele desvie a sua traseira em direção ao veterinário ou tratador.

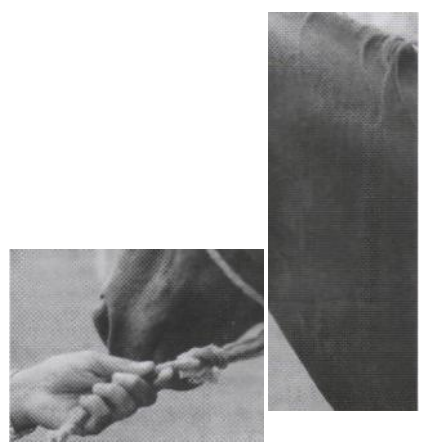


Figura 2.9 - Colocação de cabresto em equinos. Método mais comumente utilizado na contenção desses animais.

Os animais novos ou adultos muito mansos podem ser contidos apenas com o auxílio das mãos, segurando-se as orelhas, os lábios, as crinas, a cauda e/ou a pele do pescoço. Os potros não acostumados com o manuseio de pessoas, ao contrário do que possa parecer, são perigosos e podem morder e coicear perigosamente. A contenção dos potros em posição quadrupedal pode ser feita, também, posicionando-se ao seu lado e passando-se uma mão em volta da musculatura peitoral e a outra por trás da coxa ou na base da cauda, suspendendo-a.

Os muares, que possuem orelhas avantajadas, são facilmente contidos pela apreensão, seguida de compressão. Depois de duas ou três tentativas de resistência, eles desistem e permitem a manipulação. Já, os animais rebeldes devem ser contidos por meios mais eficientes como o cachimbo, o bridão, a focinheira e o *rosário* ou *co/ar(F'\g.* 2.10). O animal não deve ser, em hipótese alguma, amarrado pelo pescoço, pois uma queda acidental ou uma tentativa de fuga poderá resultar em óbito por asfixia. Outro cuidado deve ser tomado quando se coloca os equinos em locais baixos, já que eles podem se assustar com o barulho e/ou movimentos bruscos e saltar repentinamente para o alto, o que poderá promover um trauma craniano de gravidade variável.

Um meio eficaz e simples para se conter manualmente um cavalo calmo e não muito forte é agarrando-se a pele do animal na base do pescoço, promovendo uma rotação firme.

O *cachimbo* ou pito (Fig. 2.11) é um excelente instrumento para ser usado na grande maioria dos animais não cooperativos, pois a sua passagem pelo lábio inferior ou superior, com posterior torção, induzirá a uma dor considerável, o que obrigará o animal a se manter quieto, mesmo nos casos de intervenções dolorosas. Entretanto, alguns animais não deixam que se coloque o cachimbo, e/ou, quando permitem, irritam-se e suam muito. A passagem do cachimbo na orelha deve ser evitada em virtude do provável dano à cartilagem aural, o que causará uma alteração irreversível do seu posicionamento (orelha pêndula, caída), com subsequente prejuízo estético. Pode-se, no entanto, conter o animal segurando-se manualmente a orelha, quando se deseja uma contenção rápida ou precedendo um outro meio coercitivo mais radical, como a colocação do cachimbo, por exemplo (Fig. 2.12).

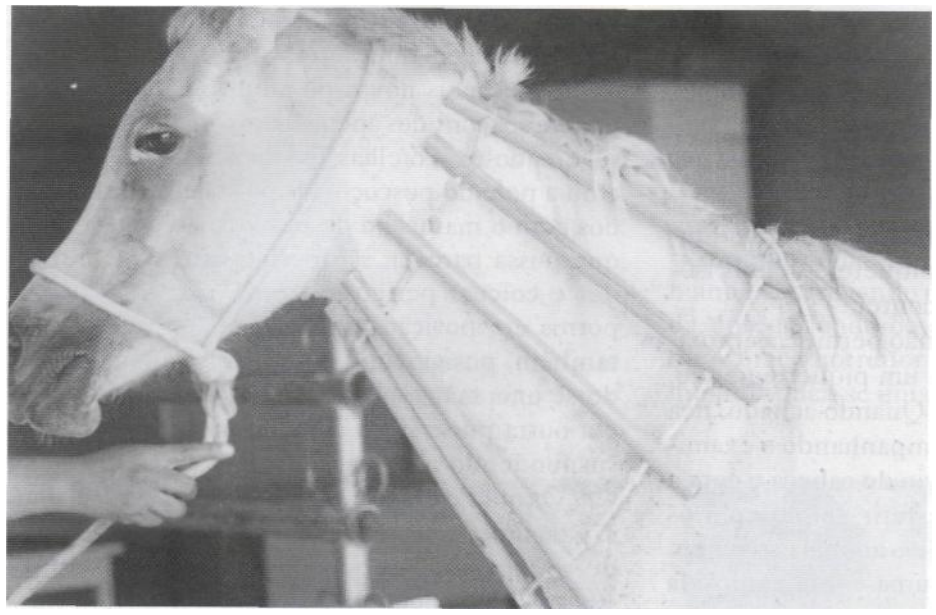


Figura 2.10 - Colocação do rosário ou colar em equinos. Utilizado mais comumente no pós-cirúrgico, na tentativa de evitar lambeduras das soluções de continuidade ou a retirada de suturas.

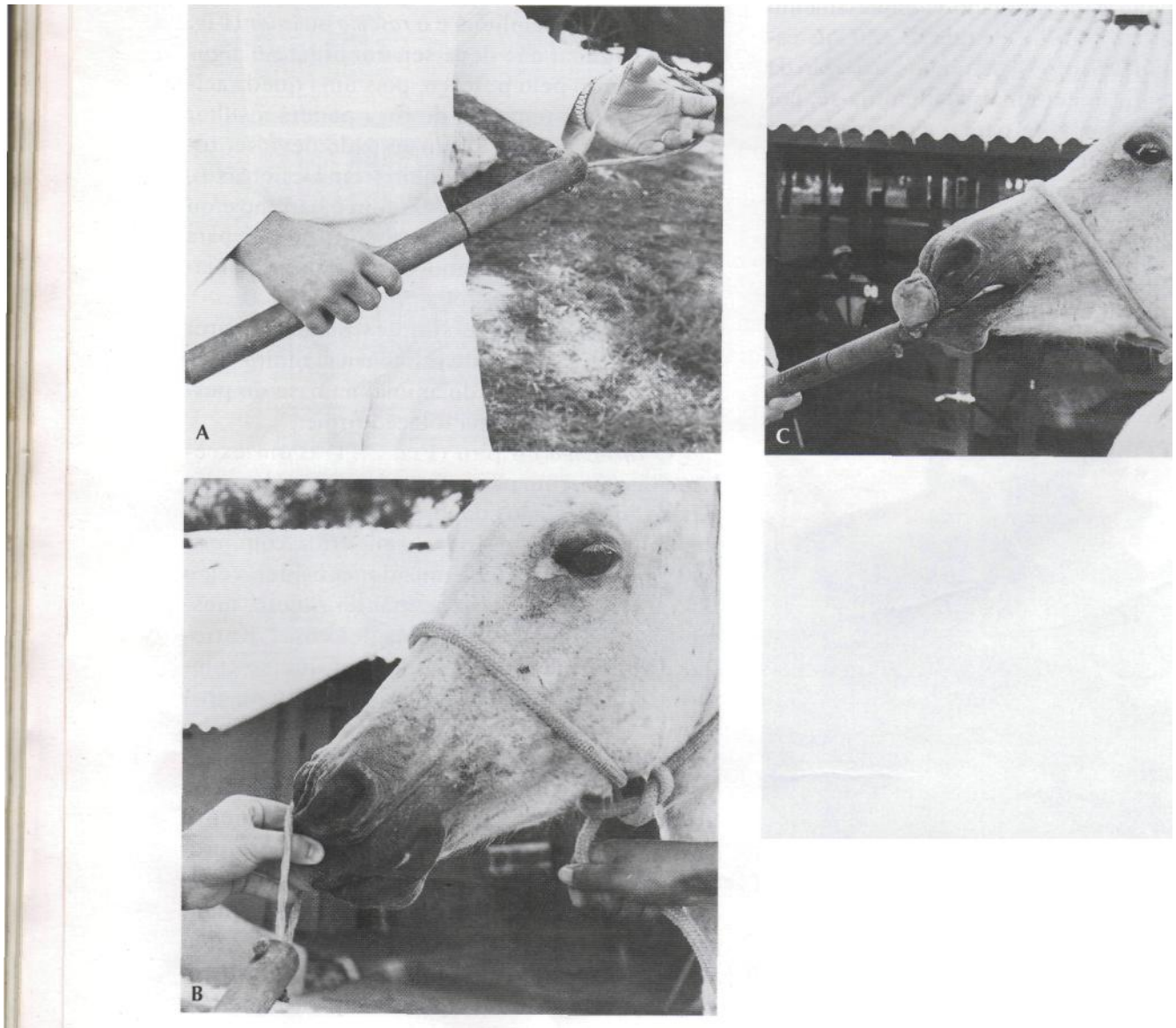


Figura 2.11 - Sequência da colocação de cachimbo ou pito em equinos. (A), coloca-se os dedos (polegar, indicador e dedo médio) por dentro do laço; (B), envolve-se o lábio superior do animal com laço, segurando-o com os dedos; (C), rotaciona-se firmemente o laço que está adequadamente posicionado em volta do lábio, comprimindo-se o lábio superior.

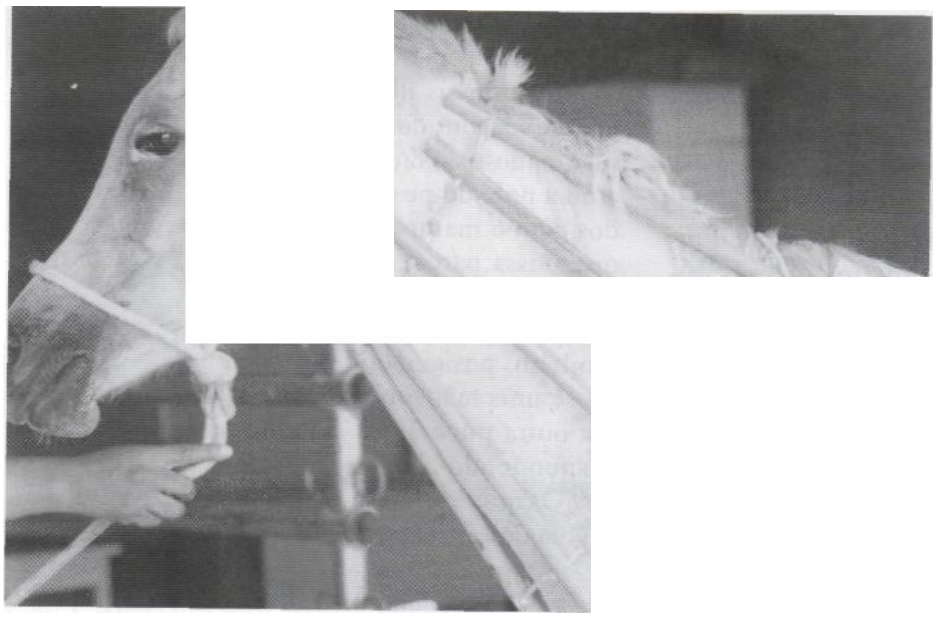


Figura 2.10 - Colocação do rosário ou colar em equinos. Utilizado mais comumente no pós-cirúrgico, na tentativa de evitar lambeduras das soluções de continuidade ou a retirada de suturas.

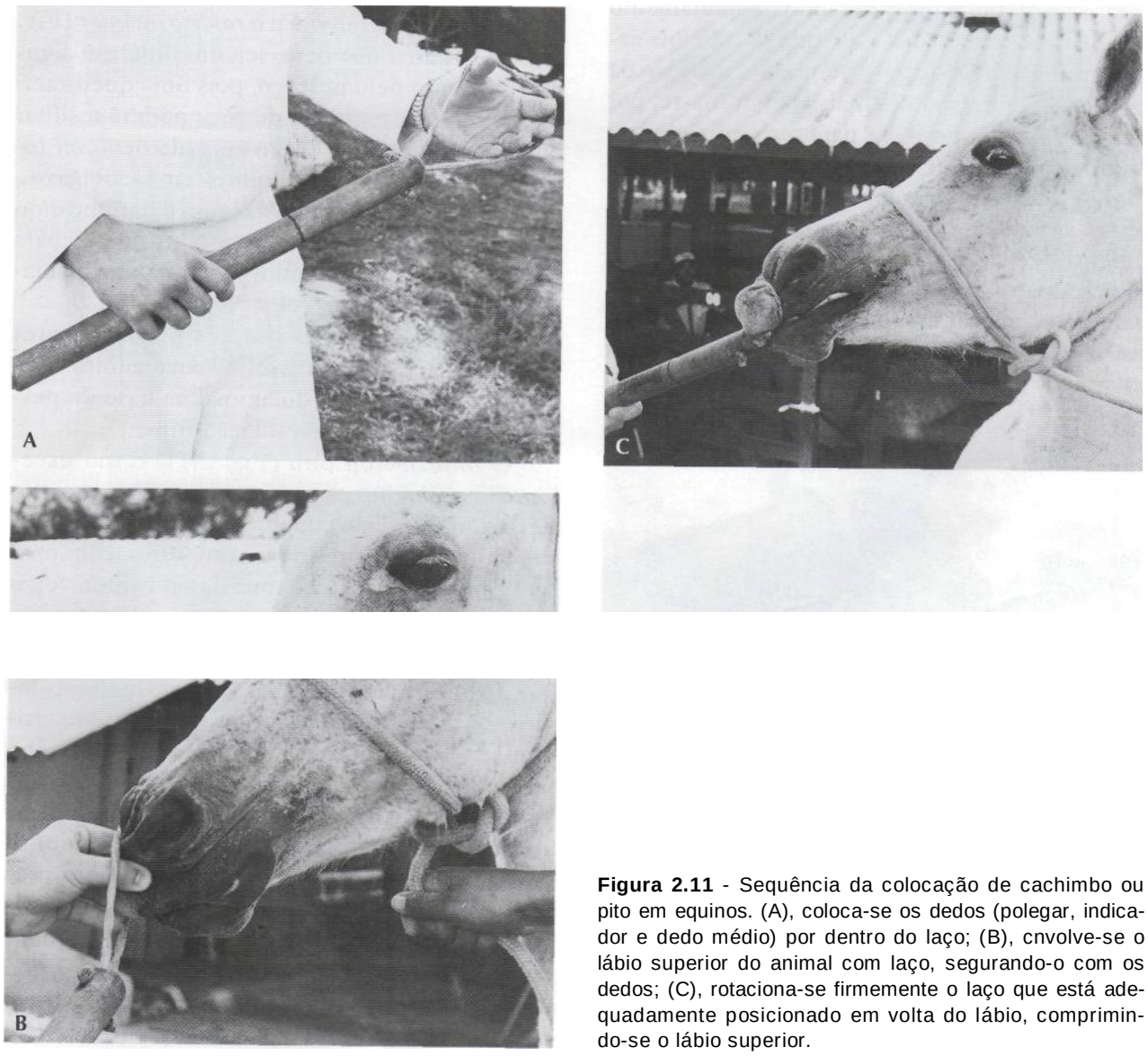


Figura 2.11 - Sequência da colocação de cachimbo ou pito em equinos. (A), coloca-se os dedos (polegar, indicador e dedo médio) por dentro do laço; (B), cnvolve-se o lábio superior do animal com laço, segurando-o com os dedos; (C), rotaciona-se firmemente o laço que está adequadamente posicionado em volta do lábio, comprimindo-se o lábio superior.

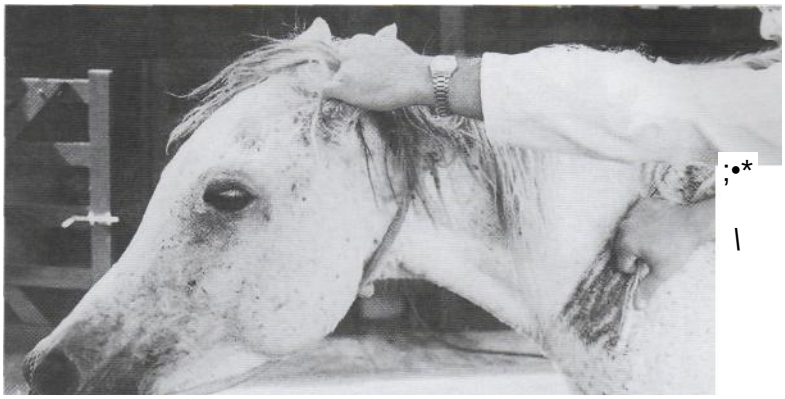


Figura 2.12 - Contenção manual de equinos. Aprisiona-se uma dobra de pele em região de escápula e uma das orelhas do animal.

O examinador deve manter o controle da cabeça do animal, mantendo o pescoço apoiado com o antebraço, o que possibilitará melhor posicionamento para resistir a possíveis manobras por parte do animal. Esse procedimento *é* mais bem realizado segurando-se o cabresto com a mão oposta. Às vezes, cobrir os olhos do animal com as mãos ou com um saco de estopa, como se fosse um capuz, ajuda na avaliação e/ou intervenções de determinadas partes do corpo.

Para colocar o cachimbo (Fig. 2.11):

- Segure o cabo do cachimbo com a mão que possua maior firmeza e agilidade.
- Coloque os dedos da mão oposta sob a laça da e segure o lábio superior, elevando-o dis cretamente.
- Deslize a laçada por entre os seus dedos, envol vendo o máximo que puder o lábio superior.
- Aperte a laçada rapidamente com a mão di reita.
- Fique atento para possíveis reações do ani mal (manotadas, saltos, etc.)

Observação: Não *é* recomendável a aplicação do cachimbo com força exagerada já que o cavalo pode ressentir-se e tornar-se agressivo. Aplique-o de maneira firme, aumentando a pressão gradativamente até o animal se tornar cooperativo.

Outro meio muito usado para manter o animal imobilizado é suspender um membro anterior (mão de amigo) ou posterior (pé de amigo), tirando-lhe, assim, o apoio.

Para realizar a contenção do membro anterior de equídeos (mão de amigo) (Fig. 2.13):

- Dê uns tapinhas (gentis) no pescoço ou no dorso do animal para distraí-lo.
- Com uma das mãos, desvie o peso do animal para o lado oposto que você deseja suspender.
- Posicione a outra mão na região do boleto e suspenda o metacarpo (canela) rapidamente em direção ao seu antebraço.
- Mantenha o corpo do animal desviado para o lado oposto do membro suspenso.
- Acompanhe com cuidado os movimentos do animal, evitando sacudidelas violentas.

Para realizar a contenção do membro posterior de equídeos (pé de amigo):

- Posicione-se de costas para as partes anterio res do animal.
- Com uma das mãos, desvie o peso do animal para o lado oposto que você deseja suspender.
- Posicione a outra mão na região do boleto, suspenda o metatarso e desvie o membro para trás ou para frente.
- Se desviado para trás, coloque-o sobre a per na e descanse-o na coxa.

Observação: Geralmente os animais não permitem a elevação de um dos membros posteriores por muito tempo, devendo-se, em in-

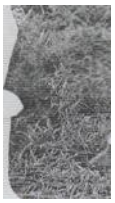


Figura 2.13 - Mão de amigo (contenção do membro anterior de equinos).

tervalos regulares, deixá-lo descansar. O desvio para trás também pode ser feito com a utilização de cordas.

Se for preciso intervir na parte posterior do animal, como no caso de cobertura de éguas, passagem de espéculos ou vaginoscópios, deve-se conter ambos os membros traseiros. Para isso, duas cordas são fixadas por nós corrediços às canelas ou quartelas nuas ou vestidas com caneleiras, trazidas para frente, cruzadas sob o peito e puxadas para cima, de ambos os lados do pescoço, e amarradas na altura da cernelha. Quando não se dispuser de uma caneleira, os membros devem ser protegidos com faixas para evitar lacerações da pele e/ou lesões nos tendões e ligamentos.

DERRUBAMENTO **DE EQUINOS**

O derrubamento de equinos pode ser realizado utilizando-sc caneleiras e cordas, ou somente cordas. Vejamos os métodos mais comumente utilizados.

Método dos Travões

Podem ser usadas caneleiras ou travões, argolas ou anéis, que são um jogo de quatro correias de tamanho pequeno (4 a 6cm de largura), geralmente feitas de couro cru, grossas e resistentes. Uma das extremidades possui uma forte fivela fixa que prende a caneleira no membro. A corda a ser puxada pelos auxiliares serve, também, para unir as caneleiras e desequilibrar o animal, devendo ser, portanto, resistente e comprida (cerca de dez metros). O animal deve ser conduzido para o local de derrubamento, obrigatoriamente macio (grama, areia, maravalhas, serragem, etc.), livre de objetos contundentes ou perfurantes. Colocam-se as peias nos quatro membros do animal, em região acima do boleto. Fixa-se a corda na caneleira-mestra e passa-se a corda por entre as argolas das caneleiras traseiras, do membro anterior oposto e, por fim, pelo anel da caneleira mestra. As argolas dos membros anteriores são colocadas para trás e as dos membros posteriores para frente. Puxa-se a corda nessa direção. Os ajudantes devem ser distribuídos na cabeça do animal segurando-se a focinheira ou o cabresto (para evitar trauma e direcionar a queda do animal), na escápula (para empurrar o animal e tirar-lhe o equilíbrio) e, um outro, na cauda, para diminuir o impacto do corpo do animal contra a cama ou chão protegido. A corda, uma vez tracionada, aproximará os membros do animal, fazendo com que fique desequilibrado, caindo para o lado em que é impelido pelos ajudantes colocados na cabeça, na escápula e na cauda. A derrubada deve ser sincrônica, com os auxiliares amando conjuntamente e ao mesmo tempo. Deve-se conduzir a queda contando alto: *um, dois e... três,* e, coordenadamente, realiza-se o derrubamento. Uma vez o animal no chão, trata-se logo de manter os travões reunidos e a cabeça pressionada contra a cama, para evitar que o animal se levante.

Método Antigo

E um dos processos de derrubamento mais fáceis de execução. No meio de uma corda bem comprida (10 metros), arma-se um anel que fica colocado na base do pescoço; as duas extremidades, cruzando sobre o pescoço, passam de volta por dentro do anel, dirigem-se para trás, contornam as

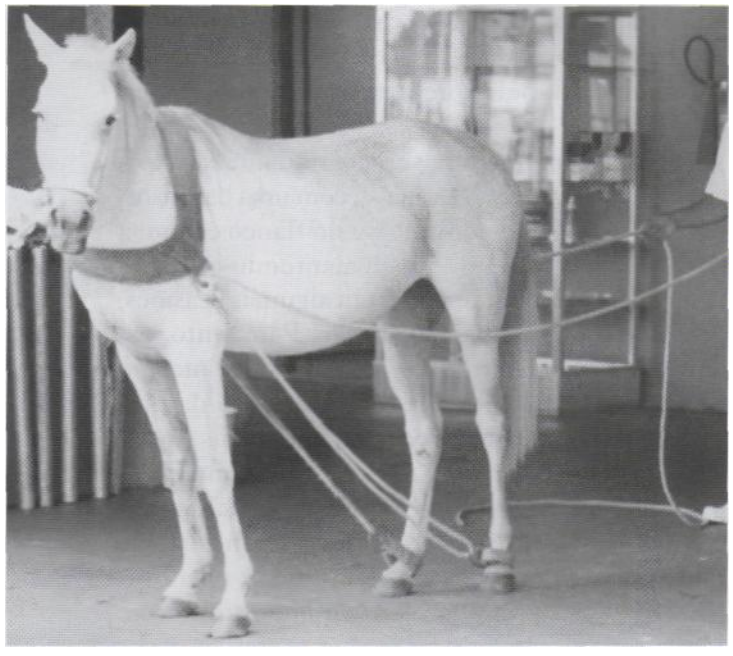


Figura 2.14 - Derrubamento de equinos através da utilização de peiteira.

quartelas posteriores e são trazidas e puxadas diretamente para trás ou passam novamente pelo anel do pescoço e são direcionadas para trás (Fig. 2.14).

Método Nacional

Esse método é também eficiente e, como o método antigo, apresenta a vantagem de utilizar apenas uma corda para a sua realização. É feito passando-se o meio de uma corda comprida por sobre o pescoço, bem em sua base, de maneira que permaneça à frente da musculatura peitoral, deixando as duas extremidades com o mesmo comprimento. Passam-se ambas as extremidades das cordas por baixo do pescoço e por entre os membros anteriores e, então, pela região do boleto de ambos os membros posteriores, transpassanclo, cada ponta da corda, por entre a corda que envolve o pescoço, do respectivo lado. As duas extremidades são direcionadas para a região posterior do animal e, dessa forma, tracionadas ou puxadas por dois auxiliares. A presença de um ajudante na cabeça do animal é importante e não deve ser desprezada.

OVINOS E CAPRINOS

Entre os pequenos ruminantes domésticos, os ovinos são mais difíceis para capturar, já que os caprinos são mais curiosos e geralmente permitem a aproximação do examinador. Um ovino é mais facilmente abordado quando deixado junto com o grupo, sendo a sua imobilização relativamente simples, quando capturado. Para a contenção e derrubada de caprinos e ovinos, empregam-se diversos métodos, tais como:

1. Segurar ou laçar o membro posterior (tíbia) e puxá-lo para trás e para cima (esse método é arriscado podendo, quando realizado inadequadamente, e/ou em pacientes fortes, jovens e/ou arredios, ocasionar luxações e fraturas);

Figura 2.15 - Contenção manual de caprinos, utilizada também para a espécie ovina.

2. Montar sobre o animal e contê-lo pelos chifres;
3. Pegá-lo pelos chifres, colar, barba ou, em úl timo caso, pelas orelhas.

Uma outra maneira seria o ajudante se posicionar lateralmente ao animal e, com uma das mãos, segurar a prega do godinho ou do flanco e, com a outra, a mandíbula do animal, mantendo-o parado (Fig. 2.15). O ajudante pode, em algumas ocasiões, derrubar o animal para avaliação. Para tanto, estando o animal contido e o auxiliar com o mesmo posicionamento inicial, retira-se o apoio da porção posterior do animal com o joelho mais próximo da referida região e, com uma manobra rápida das mãos, posiciona-se o animal sentado (verticalmente), preso entre os seus joelhos. Esse posicionamento é de grande utilidade para avaliar a região de prepúcio e o apêndice vcrmiforme ou vermicular, por exemplo, na tentativa de se confirmar sua obstrução parcial ou total por cálculos. Esse método de contenção não é tão eficiente em caprinos pela dificuldade de mantelos presos entre os joelhos e coxas do assistente.

Para animais menos cooperativos, coloque-os em decúbito lateral e, com um dos joelhos, prenda cuidadosamente o pescoço do animal, segurando os membros posteriores com uma das mãos.

BOVINOS

A maioria dos procedimentos de exame físico podem ser realizados com o animal em posição quadrupedal, desde que se faça uma boa contenção da cabeça e se limite os movimentos dos membros e do corpo. De modo geral, os bovinos de origem europeia apresentam um comportamento dócil c calmo. Contudo, os animais machos, principalmente os da raça holandesa, são, por vezes, traiçoeiros e imprevisíveis, devendo ser contidos com firmeza e atenção. Já os animais de origem indiana, ou são muito calmos ou muito agressivos, dependendo do tipo de manejo ao qual são submetidos, mas devem sempre ser contidos com determinação, já que podem se assustar facilmente, representando um perigo iminente ao examinador. Em relação às fêmeas de bovinos, deve-se fazer a aproximação pelo lado direito, por onde são correntemente ordenhadas. Ao contrário dos equinos, os bovinos atacam com as extremidades anteriores em sentido lateral, descrevendo, com elas, um semicírculo com movimento para trás. Porém, ocasionalmente, podem lançar golpes curtos para a parte posterior. As vacas ficam mais tranquilas quando se aproxima o bezerro do seu úbcre. Animais nervosos podem se mover rapidamente para os lados, o que leva à ocorrência de acidentes no caso de um examinador ou auxiliar desatento. Os touros *c* a vacas ninfomaníacas podem atacar, também, com a cabeça, aprisionando o examinador contra a parede.

Os bovinos leiteiros podem, de maneira geral, ser conduzidos por um cabresto, com o condutor posicionado à frente e a uma certa distância do animal. Não se recomenda ficar de costas para os animais machos da raça holandesa, pois podem ser traiçoeiros, cabecear ou chifrar violentamente e de maneira fatal o condutor. Nesses casos, é recomendável que o condutor permaneça atrás do animal, encorajando-o a caminhar por meio de vocalizações e batendo-se com a extremidade da corda nos membros posteriores do animal. Não é interessante que os animais corram enquanto estão sendo conduzidos já que a corda pode provocar lesões na mão da pessoa que a está segurando, principalmente quando se tenta para-los com o uso da força. Aparelhos que emitem choques elétricos podem ser utilizados nos animais que relutam em caminhar ou em levantar-se (Fig. 2.16). Contudo, seu uso deve ser feito com critério e sensatez. Ê comum a torção da cauda do animal para fazê-lo andar. Entretanto, a mesma deve ser feita suavemente, em virtude do risco de fraturas ou luxações das vértebras coccígeas.

Nos animais mansos, a cabeça pode ser mantida pela contenção manual: agarrando-se a base

Figura 2.16-Aparelhos que emitem choques elétricos podem ser utilizados em animais que relutam em caminhar ou em levantar-se.

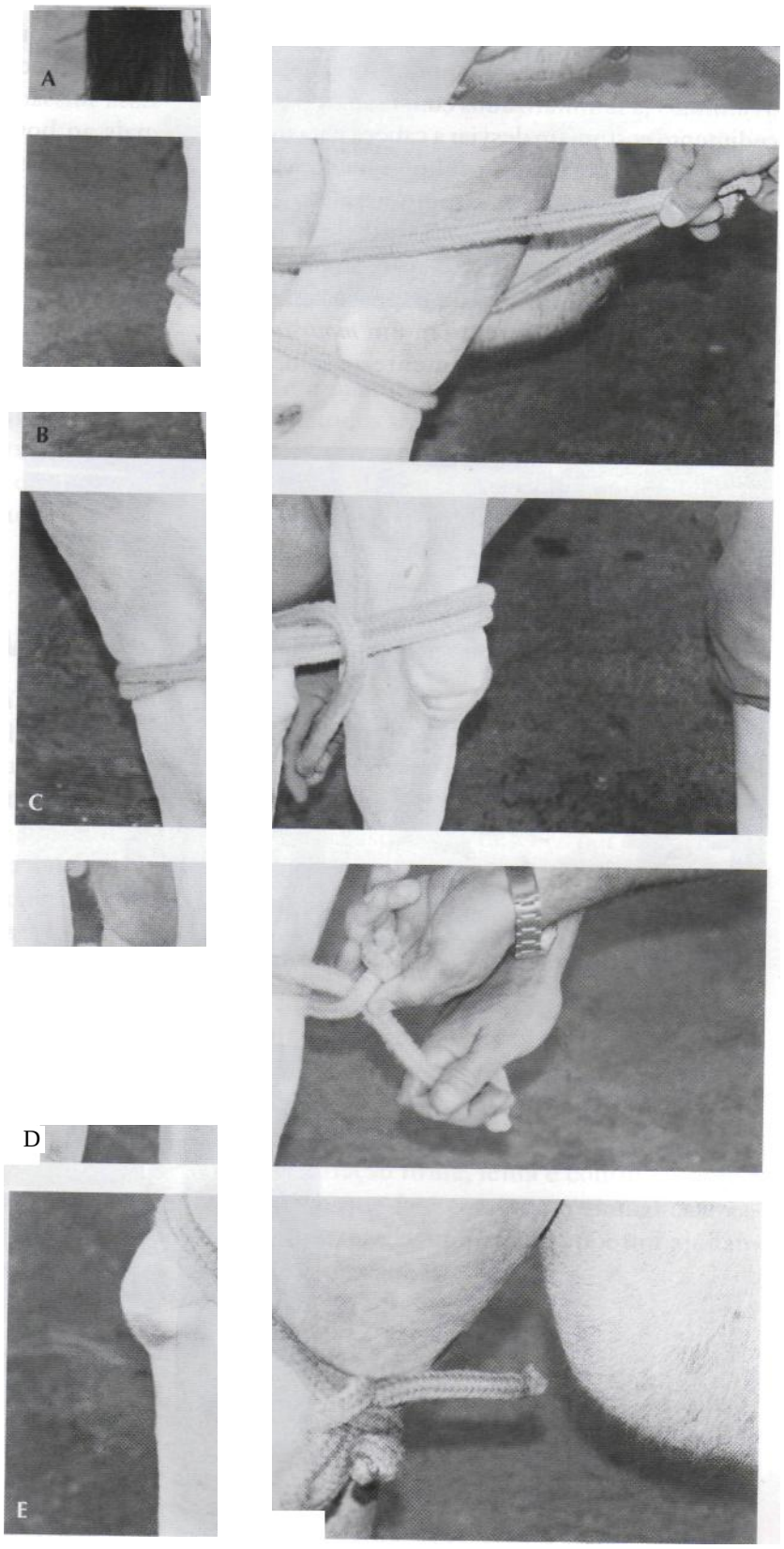


Figura 2.17 - Sequência da colocação de peias em bovinos. (A), faça uma laçada dos dois membros posteriores na altura do jarrete com uma corda comprida (± 1,5m); (B), junte os membros, tracionando-se as extremidades da peia; (C), faça outra laçada e cruèe uma das extremidades - a outra deve ficar segura por uma das mãos, por sobre *as* laçadas feitas, passando, em seguida, por baixo das mesmas; (D), cruze as extremidades; (E), faça um nó de fácil retirada.

de um dos chifres ou uma das orelhas com uma das mãos c o septo nasal entre o polegar *c o* dedo médio ou indicador da outra mão, exercendo uma considerável pressão. Contudo, uma pressão manual adequada é possível somente por um determinado tempo, principalmente se o animal for muito grande ou pouco cooperativo. Um outro problema, frequentemente observado, é que os animais já familiarizados com esse tipo de procedimento costumam desviar a cabeça para os lados e para baixo, deixando-a rente ao solo, dificultando a apreensão do seu septo nasal.

Alguns animais, quando soltos em piquetes, não permitem a aproximação, sendo necessário, muitas vezes, que duas pessoas o lacem de cada lado e o amarrem em um *mourão*, uma estaca grossa, fincada firmemente ao solo, à qual se amarram animais indóceis para tratá-los. Muitos animais acostumados com a manipulação do homem (animais produtores de leite, de exposição) permitem o exame pela simples colocação do cabresto e de uma peia em seus membros posteriores.

Uma outra maneira de se conter esses animais é colocando-os em um tronco de contenção. Essa missão é facilitada juntando-se outros animais ao bovino bravio (amadrinhamento) e, no momento da sua passagem por um brete, prende-o *no tronco* (Fig. 2.18) de contenção quando estiver posicionado entre ele.

Tanto os bovinos com chifres como descornados podem ser contidos por um instrumento metálico conhecido, vulgarmente, pelo nome de *formiga* (Fig. 2.20), que é colocado

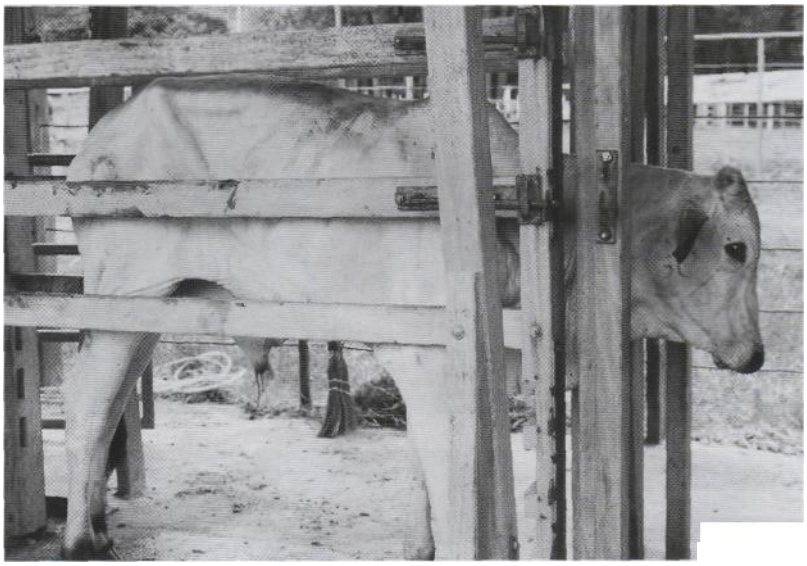


Figura 2.18 - Tronco de contenção para bovinos.

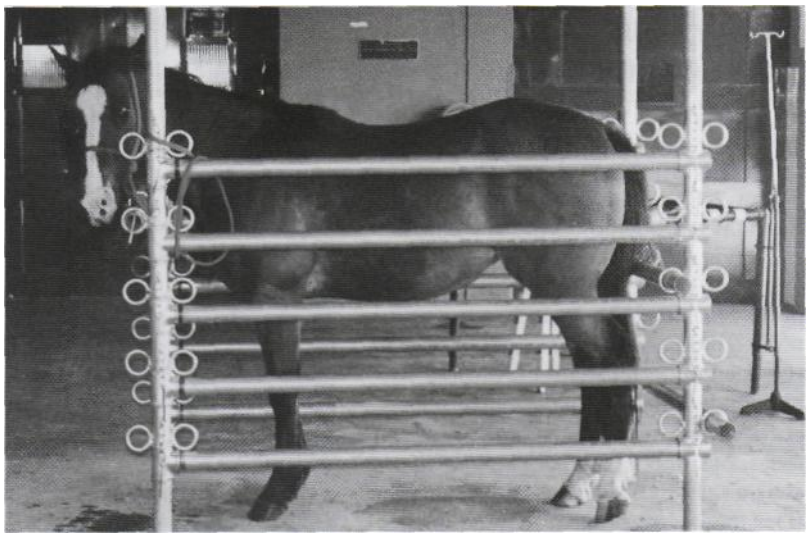


Figura 2.19 - Tronco de contenção para equinos. A superfície não deve ser escorregadia e o local de exame deve ser alto para evitar traumas cranioencefálicos.

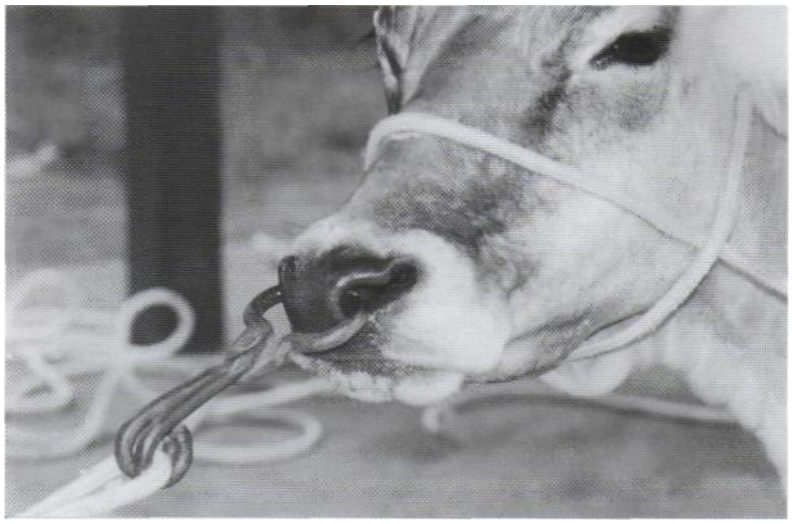


Figura 2.20-Argola de ferro utilizada para imobilizar bovinos chifrudos ou indóceis.

entre as narinas e seguro por um auxiliar. A formiga *é* principalmente útil nos animais bravios e/ou não cooperativos, os quais poderão, até certo ponto, ser mantidos imóveis, em virtude da dor na região nasal provocada por esse instrumento.

DERRUBAMENTO DE BOVINOS

Deve-se tomar cuidado na derrubada de bovinos para evitar traumas aos chifres, costelas, ossatura pélvica e/ou abortos. Dessa forma, o animal deve ser lentamente derrubado em local macio, segurando-se com cuidado a sua cabeça e prestando-lhe assistência. O auxiliar não só evita a ocorrência de acidentes como também posiciona o animal no local em que se deseja, ou seja, o lado mais adequado que o mesmo deve permanecer para o procedimento. O derrubamento perfeito é aquele em que o animal parece estar "caindo em pé", em câmara lenta. Quedas rápidas ou abruptas para os lados devem ser evitadas pelos riscos que proporcionam. Quando não houver preferência para o lado do decúbito, deve-se optar pelo lado esquerdo nos casos de vacas prenhes ou recém-paridas (deslocamento do abomaso) ou direito em animais machos e em fêmeas sem as condições reprodutivas anteriormente mencionadas e/ou que não tenham tido um jejum alimentar prévio (asfixia por timpanismo gasoso). A utilização de cordas compridas (± 15 metros) é recomendada para a derrubada de bovinos. A colocação de peias nos animais deve ser feita, independentemente do método escolhido, uma vez que ajudará a tirar o equilíbrio dos membros posteriores, facilitando a queda e a manutenção do animal em decúbito. Vários métodos são descritos e utilizados na rotina prática, mas os mais comuns são os métodos de Rueff e o Italiano. A escolha do método dependerá, em parte, do sexo e do temperamento do animal. O método de Rueff não é o mais indicado para os animais machos por provocar danos traumáticos no pênis e no prepúcio.

Método de Rueff

- Fixam-se ambas as extremidades dos chifres em suas bases ou no pescoço por um laço com nó escorregadio.
- Com uma das mãos, segura-se a corda sobre o tórax, passando-se sua extremidade por baixo da região ventral do tórax no sentido oposto ao corpo, levando-a, em seguida, novamente por cima e por dentro da parte da corda que está sendo segura.
- Repete-se a mesma operação ao nível dos flan cos, saindo, a ponta da corda, para trás.
- Faz-se tração firme, lenta e contínua sobre a corda, o que fará com que o animal caia va garosamente, acompanhado por um ajudan te em sua cabeça.

Método Italiano

- Passa-se metade de uma corda comprida pelo pescoço, na frente da cernelha.
- Cruzam-se ambas as extremidades das cordas por baixo do pescoço e, mais uma vez, por sobre

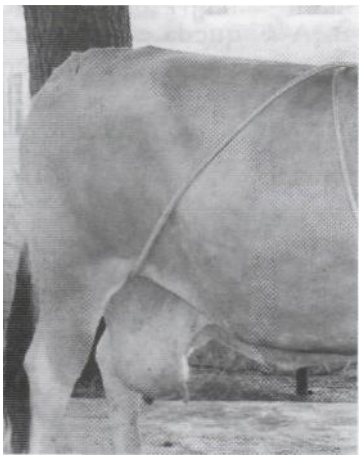
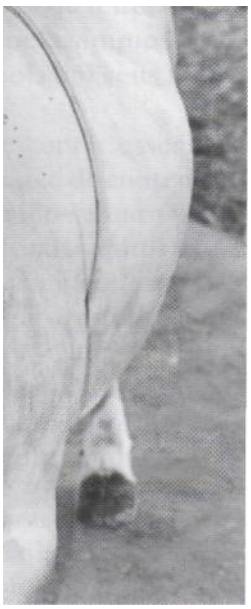


Figura 2.21 - Método italiano para clerrubamento de bovinos. (A), passa-se uma corda por sobre o pescoço, deixando o mesmo comprimento da corda livre em ambos os lados, cruzando as extremidades abaixo do pescoço e passando-as por entre os membros anteriores em direção ao dorso; (B), já no dorso - região torácica - cruza-se as pontas das cordas, passando-as por entre os membros posteriores do animal (C), levando-as para trás do mesmo.



a região torácica, passando as pontas das cordas por entre os membros posteriores; • Cada extremidade livre é puxada por um homem enquanto um terceiro assistente segura a cabeça do animal (Fig. 2.21).

Figura 2.22 - Maca suspensora de bovinos em decúbito. Perceber glândula mamaria livre de compressão e trauma.

Após a derrubada e a realização dos procedimentos pertinentes, o bovino deve ser colocado em decúbito lateral. A permanência do animal por um longo período em decúbito lateral faz com que haja maior acúmulo de gás no compartimento do rúmen, por impedir o ato da eructação e, consequentemente, a eliminação do gás formado, levando a um quadro de timpanismo. Em algumas situações, como nos casos de hipocalcemia, fratura de membros, processos dolorosos no sistema musculoesquelético e botulismo, por exemplo, torna-se difícil manter o animal em decúbito esternal, mesmo que temporariamente, sendo necessário alternar o lado que o animal fica deitado, várias vezes durante o dia, na tentativa de minimizar a

Figura 2.23 - Mesa utilizada para exame físico e procedimentos diversos em pequenos ruminantes.

necrose isquêmica que ocorre como resultado da compressão exercida sobre a musculatura. Pode-se dar breves batidas com a palma da mão em toda a área muscular comprometida para melhorar a irrigação local. Alguns animais, quando auxiliados, conseguem se levantar e manter-se em posição quadrupedal. Para tanto, pode-se utilizar choques elétricos, fortes batidas com as palmas das duas mãos na região torácica e abdominal, simultaneamente, ou auxiliar o animal a levantar-se e equilibrar-se. A permanência dos animais debilitados em posição quadrupedal pode ser facilitada com a utilização de uma maca suspensa por um guincho comum (Fig. 2.22).

BIBLIOGRAFIA

BRAZ, M.B. *Semiologia Médica Animal.* 2.ed. v.2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. 725p.

CALDAS, E.M. *Propedêutica Clínica.* Centro Editorial e Didático UFBA, 1978. 210p. CROW, S.E., WALSHAW, S.O. *Manual de Procedimentos Clínicos em Cães, Gatos e Coelhos.* ARTMED, 2000. 279p.

EURIDES, D. *Métodos de Contenção de Bovinos.* Livraria e Editora Agropecuária, 1998. 78p. HARDY, R.M. General physical examination of caninc patient. *Veterinary Clinics of North American,* 11, 3: 453-467, 1981. KELLY, W.R. *Diagnóstico Clínico Veterinário.* 3.ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1986. 364p.

MASSONE, F. *Anestesiologia Veterinária: Farmacologia e Técnicas.* Editora Guanabara, 1988. 234p. McCURNIN, D.M., POFFENBARGER, E.M. *Small Animal Physical Diagnosis and Clinicai Proceduns.* Saunders Company, 1991. 19-20, 221p. RADOSTITS, O.M., JOE MAYHEW, I.G., HOUSTON, D.M. *Veterinary Clinicai Examination and Diagnosis.* WB Saunders, 2000. 771 p. ROSEMBERGER, G. *Exame Clínico dos Bovinos.* 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993. 429p. VOGEL, J. *Pequena Cirurgia nas Fazendas.* SAI, 1958. 145p.